



Resenhas

A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades

autor	Henrique Espada R. Lima Filho
cidade	Rio de Janeiro
editora	Civilização Brasileira
ano	2006

“O mesmo ângulo, todas as manhãs, de um lugar absolutamente sem importância”. A analogia com uma cena do filme *Cortina de fumaça* (1955), de Paul Auster e Wayne Wang, é, para Henrique Espada Lima, o ponto de partida para a construção do seu objeto de pesquisa: a análise da constituição dos grupos de historiadores e cientistas sociais ligados à chamada *microstoria* italiana, bem como dos efeitos de sua vasta e diversificada produção acadêmica para a historiografia internacional nas últimas décadas.

Assim, Espada Lima propõe-se a analisar, minuciosamente, a *microstoria* italiana, tão pouco conhecida do leitor brasileiro, mas, paradoxalmente, tão disseminada como significado de trabalho historiográfico que envolve análises circunscritas, voltadas para trajetórias individuais ou de grupos, em detrimento de uma história mais globalizante, preocupada com continuidades dentro de longos processos históricos e largos espaços geográficos, e até mesmo como sinônimo de estudos da nova história cultural.

Na primeira parte do livro, o autor expõe os termos em que se construiu o debate sobre a micro-história, a partir de uma interrogação mais geral sobre seus contextos e temas em torno dos quais se articulou. Para tanto, reconstitui o movimento em torno do nascimento de uma revista, a *Quaderni Storici della Marche* (Ancona, 1966-1969), que originou a *Quaderni Storici* (Ancona e Bolonha, 1970). No capítulo um (“Em torno do nascimento de uma revista”), analisa os antecedentes históricos, o contexto intelectual e político

das décadas de 1950 e 1960, época de formação dos historiadores protagonistas. No capítulo dois (“A microstoria nos Quaderni Storici”) recupera o debate historiográfico do período, veiculado pelos artigos e editoriais da revista, confrontando e comparando as suas reflexões com outras publicações da época.

Com essa operação, Espada Lima situa a gênese da micro-história num contexto geral de discussões em torno da história social, da etno-história e da busca pela interdisciplinaridade nas ciências sociais. O interesse pelos estudos de história local e regional, e as dinâmicas de interação entre o micro e o macro na escrita da história, de certo modo, decorreram de um questionamento profundo acerca dos paradigmas então dominantes na historiografia italiana nos anos 1960 e 1970: desde uma tradição erudita de viés positivista às de cunho marxista, que se dedicavam aos estudos sobre os movimentos de operários e camponeses, numa perspectiva marcadamente gramsciana. Uma outra perspectiva historiográfica relevante era aquela representada pela história ético-política liberal, que produzia um modelo de história nacional, apoiado na idealização da unificação do país (*Resurgimiento*), no protagonismo da atuação do Estado na defesa da liberdade e da democracia, modelo que fora destruído pelo fascismo.

Na década de 1970, a *Quaderni Storici* (Bolonha) alargou seus campos de análise, enfocando as relações com a história internacional e reafirmando o caráter interdisciplinar: história e ciências sociais; história internacional e história social. Nesse contexto, as mudanças de perspectiva acompanharam a entrada de novos pesquisadores, como Pasquale Villani, Edoardo Grendi, Giovanni Levi, Carlo Poni, Carlo Ginzburg, entre outros. Já em 1978, a micro-história emergia como título de um número dos *Quaderni Storici*. Segundo Espada Lima, a partir do ingresso desses novos integrantes, foi possível a configuração dos elementos do debate sobre a *microstoria*, expresso na centralidade da história social, dos estudos de famílias e comunidades e da apropriação de perspectivas teóricas oriundas do contato com a antropologia histórica.

O objetivo era descentrar a história italiana, estudar o local, o regional, o nacional e transnacional, com novos personagens, problemas e métodos, numa visão mais atenta à heterogeneidade, às disputas e à diversidade de escalas de análise. O interesse pelo

local, pelas áreas circunscritas, envolvia a comparação com casos análogos: aqui já havia uma crítica ao *tempo longo* de Braudel, propondo-se articular o tempo longo e o grande espaço geográfico com as dinâmicas do tempo curto e dos eventos políticos mais próximos à intervenção dos sujeitos sociais.

Para além da influência dos Annales, da análise serial, da etno-história, da demografia e da antropologia histórica, é possível perceber nas páginas da revista a centralidade da história social (nas prosopografias ou biografias coletivas, uma prosopografia *a partir de baixo*, privilegiando a história das pessoas comuns), na qual se colocava em cena outros sujeitos sociais e novos paradigmas de análise. Os novos sujeitos sociais, mulheres, estudantes, migrantes, famílias sexualidade, maternidade, questões marginais, emergiam nos movimentos sociais e nas preocupações dos historiadores e cientistas sociais. Nesse quadro, nota-se na revista a presença da história social britânica, emergente na década de 1960/1970, com suas perspectivas relacionais ao analisar os processos de constituição das classes e suas estratificações internas, suas experiências. Nos *Quaderni Storici* foram traduzidos artigos de Eric Hobsbawm e Edward Thompson, expoentes da *social history* britânica e membros da nova esquerda, cujo veículo principal de divulgação era a *New Left Review*.

No entanto, longe de representarem uma unidade, os contextos de referência do grupo de historiadores vinculados aos *Quaderni Storici*, na década de 1970, eram múltiplos, multifacetados e fraturados, com divergências, inclusive, permitindo o surgimento de respostas variadas pelos trabalhos de historiadores diversos. Os temas socioculturais, por exemplo, eram pontos comuns, mas abordados de perspectivas diversas. As discussões sobre o enfoque microanalítico da família e da comunidade de Antigo Regime, levadas por Edoardo Grendi e Giovanni Levi, abriram polêmicas, nas quais se vêem temas como a história oral e a antropologia, o uso das fontes e da riqueza documental italiana.

Assim, a despeito das diferenças e ambigüidades entre perspectivas teóricas e influências diversas entre os protagonistas, Espada Lima explicita os processos de articulação de um grupo de historiadores em torno de projetos comuns, que constituíram o debate e o surgimento da *microstoria*, ou da microanálise social, como propuse-

ram Edoardo Grendi e Jacques Revel. Nessa perspectiva, esses grupos de historiadores italianos, apesar de sua diversidade, enfatizam as relações, as diferenças, a multiplicidade das experiências vividas, a pluralidade e a mobilidade de contextos sociais e históricos, construídos pela intervenção de estratégias de indivíduos e grupos. Em torno desses eixos temáticos, esses estudiosos orientavam-se por alguns procedimentos teórico-metodológicos comuns, tais como:

[...] a microanálise das redes de relações sociais como procedimento definidor da história social, e a redução da escala de análise como operação passível de ser realizada sobre problemas historiográficos de qualquer dimensão. [...] o fragmento como via de acesso aos objetos de indagação histórica, a crítica ao relativismo historiográfico, a atenção sobre as formas de comunicação do conhecimento histórico e, portanto, a interrogação do lugar da narrativa dentro da História [p. 147].

Na segunda parte do livro (“Trajetórias de pesquisa”), de modo que perscrutasse o movimento da *microstoria* tanto a partir de seu contexto mais amplo quanto em função das particularidades que marcaram o seu fortalecimento, Espada Lima imprimiu uma redução “na escala de observação” de seu objeto (p. 161). Para tal, deteve-se com especial atenção nas trajetórias de Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg.

Nesse quadro, principia a sua redução de escala concentrando-se nas contribuições que o historiador genovês Edoardo Grendi (1932-1999) trouxe para o debate acerca da *microstoria*. Particularmente no que se refere ao entrelaçamento que promoveu da história social com a antropologia social a partir de seus estudos sobre a história do movimento operário na Inglaterra (p. 155). Ao longo das décadas de 1960 e 1970, o interesse de Grendi sobre as especificidades dos movimentos sociais continuou presente. Tanto assim que suas atenções se voltaram, cada vez mais, para a “pluralidade cultural e social” (p. 159) intrínseca à constituição das classes trabalhadoras. Por outras palavras, para esse historiador, as formas, os modos e os costumes de uma “classe” não se constituem como um dado em si; antes mais, são construídos durante o processo de mobilização e aglutinação de diferentes valores e hábitos pelos agrupamentos sociais (p. 165-166).

A tentativa de se debruçar sobre as especificidades de diferentes movimentos sociais também ocupou prestigiado lugar nas investigações de Giovanni Levi (1939). Influenciado, primeiramente, pelas reflexões do economista russo Aleksander Chaianov e direcionando o seu percurso de pesquisa para a história econômica e demográfica, este historiador milanês procurava apontar em seus estudos no entorno dos séculos XVII e XVIII para aquilo que, via de regra, escapava dos levantamentos demográficos e estatísticos realizados no período: a intrínseca mobilidade da população na ligação entre a cidade e o campo, no momento da formação do estado absoluto. Nesses termos, preocupava-se em enfatizar as disparidades e heterogeneidades que caracterizaram a relação estabelecida entre as diferentes comunidades com as pressões exercidas por um poder central.

Tal guinada analítica – desenhada com o objetivo de realçar a complexidade das relações sociais – foi se acentuando nas pesquisas efetivadas por Levi ao longo da década de 1970. Neste particular, como o mesmo reconhece, cumpre destacar a sua aproximação, cada vez maior, com a antropologia e a história social por intermédio de Edoardo Grendi. Não foi por acaso, então, que ao desenvolver uma pesquisa sobre os bairros operários de Turim tenha se afastado daquelas análises “*excessivamente esquemáticas*” (p. 242) que concebiam as relações sociais tomando por base uma estratificação econômica muito rígida. No lugar disto, fazendo coro às considerações de Edward Thompson, Levi insistia na importância dos estudos históricos incidirem sobre as diferentes formas de experiência da classe trabalhadora, de maneira a aclarar a dimensão relacional dos acontecimentos que, de algum modo, tenha cooperado para o processo de distribuição e posicionamento das forças no cotidiano social. Assim, por este viés analítico, o cotidiano deveria ser concebido “*não como um lugar da passividade, mas como espaço da cultura e invenção*” [p. 249].

“Com pouco conseguirás muito”. É com o emprego desse título de um panfleto do século XVII, transcrito em *Os pombos abriam os olhos: conspiração popular na Itália do século XVII*, que Espada Lima abre o diálogo com Carlo Ginzburg (Turim, 1939). O recurso de escrita justifica-se. Afinal, se podemos encontrar uma inquietação constante em toda a trajetória investigativa de Ginzburg, ela refere-se a este aspecto: como operacionalizar uma reflexão histórica interessada nos desvios, nas variações e nos silêncios? Para esse questionamento, muito provavelmente, a melhor resposta seja: abdicando das certezas e das homogeneizações, justamente, “com pouco conseguirás muito”.

Com efeito, seja nos primeiros contatos, ainda na década de 1950, com as recomendações do historiador Delio Cantimori de que deveriam os estudantes “ler lentamente” (p. 285) e perscrutar os “indícios” de acontecimentos passados e as “vozes perdidas dos anônimos ou quase anônimos” (p. 287). Seja nas asseverações do professor Arsenio Frugoni de que haveria a necessidade de ler cada documento “a partir de sua própria singularidade” (p. 288). Seja com as contribuições dos trabalhos de March Bloch concernentes à “recuperação de objetos marginais para a história” (p. 291). Seja em suas leituras de Mikhail Bakhtin sobre a cultura popular. Seja em seus estudos sobre feitiçaria, bruxaria, superstições, práticas mágicas, religião e heresia, procurando “entender o que significava, para aqueles camponeses acusados de bruxaria, as afirmações que faziam sobre a sua própria experiência” (p. 295). Ou seja, ainda, em suas iniciativas de embrenhar-se nas “raízes de um paradigma indiciário”.

O que se percebe é um incessante interesse, por parte de Carlo Ginzburg, em debruçar-se sobre “as poucas coisas que indiciam muitas outras”: indícios ou espias de desvios e dissonâncias daquilo que, à primeira vista, seria caracterizado pela uniformidade e invariabilidade ao longo de um período histórico. Para a consecução desse fazer historiográfico, tornou-se imprescindível a recorrência ao jogo de escalas: reduzir para pormenorizar; ampliar para entrelaçar outras dimensões sociais envolvidas no estudo.

E foi, justamente, esse jogo de escalas que sobrepaiou toda a reflexão de Espada Lima. Uma vez que iluminar as principais características dos debates concernentes à *microstoria* e, em concomitância, elegê-las como objeto de estudo significou aceitar o convite de empreender um constante esforço de redução e ampliação dos focos de análise. Afinal, promover um traçado panorâmico e, do mesmo modo, mergulhar nas especificidades e detalhes constituíram-se como dimensões imprescindíveis para a apreensão do movimento que, a partir principalmente dos anos de 1970, concorreu para o fortalecimento de certas temáticas de pesquisa na produção de conhecimento em história e determinados questionamentos na arena historiográfica.

No que toca à produção do conhecimento em história da educação brasileira, duas são as principais contribuições desse estudo.

A primeira refere-se à possibilidade de que o mergulho em busca das “caixas-pretas” das instituições escolares seja acompanhado, também, pelos alertas de Grendi, Levi e Ginzburg em relação, entre outros, à pluralidade das inter-relações sociais e culturais; ao esforço de focar-se o cotidiano como um espaço da cultura e invenção; ao posicionamento investigativo interessado em não somente “resgatar” evidências históricas, mas também perscrutar indícios de acontecimentos do ontem.

Já a segunda contribuição alude, especificamente, ao jogo de escalas, posto que prestigiar esse procedimento teórico-metodológico, empregado com propriedade por Espada Lima em sua análise sobre a *microstoria*, pode contribuir para o desenvolvimento de diferentes olhares e abordagens. De uma maneira tal que à visão panorâmica sobre sociedade, educação, política, cultura e economia seja entrelaçada aquela outra, atenta aos pormenores, aos arranjos circunstanciais e às discontinuidades do fenômeno da institucionalização da educação no Brasil.

Alessandra Frota Martinez de Schueler

Professora adjunta de história da educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Endereço para correspondência:

Rua Tupiniquins, 305

São Francisco – Niterói-RJ

CEP 24360-260

E-mail: alefrotaschueler@yahoo.com.br

José Cláudio Sooma Silva

Doutorando em história da educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Endereço para correspondência:

Rua dos Artistas, 50 – apto. 404

Vila Isabel – Rio de Janeiro-RJ

CEP 20511-130

E-mail: claudiosooma@gmail.com

Recebido em: 2 jul. 2007

Aprovado em: 12 jul. 2007